

RIQUEZA DE FUNGOS MACROSCÓPICOS NA TRILHA VÓ PRETA, IJUÍ/RS¹

Ana Luisa Sperotto Barth², Talisa Cristine Dassow³, Juliana Maria Fachinetto⁴

¹ Pesquisa desenvolvida na disciplina de Prática de Pesquisa Biológica do Curso de Ciências Biológicas da Unijui.

² Estudante do curso de Ciências Biológicas - Bacharelado; Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC/SeSu) Biologia da Unijui.

³ Estudante do curso de Ciências Biológicas - Bacharelado; Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC/SeSu) Biologia da Unijui.

⁴ Professora do Curso de Ciências Biológicas e do Mestrado em Sistemas Ambientais e Sustentabilidade, tutora do Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Ciências Biológicas da UNIJUI. E-mail: juliana.fachinetto@unijui.edu.br.

INTRODUÇÃO

Por séculos, os fungos foram considerados parte do reino vegetal, porém em 1980 foram reclassificados como um reino à parte, o Reino Fungi. Diferentemente das plantas, os fungos são heterotróficos e aclorofilados, tendo como molécula de reserva energética o glicogênio e a parede celular composta de quitina, possuindo uma proximidade filogenética maior com os animais, pois compartilham um ancestral comum (Santos, 2015).

Os indivíduos deste Reino são os principais decompositores primários da matéria orgânica realizando a reciclagem de nutrientes, um serviço ecológico de vital importância para o equilíbrio dos ecossistemas (Santos, 2015). Por serem ubíquos, ou seja, encontrados em praticamente todos os tipos de habitats, possuem também diversas morfologias e nichos ecológicos, podendo ter diversas classificações, como macroscópicos e microscópicos, unicelulares, coloniais ou pluricelulares, e como espécies saprobiontes (decompositoras), patógenas (que causam doenças em plantas e animais) e simbiontes (micorrizas e líquens) (Santos, 2015).

Apesar da infinidade de espécies, morfologias e cores destes organismos, o conhecimento popular se restringe aos causadores de bolores, cogumelos comestíveis cultivados como o champignon, ou ainda aqueles que causam doenças, como a *Candida* sp.. No entanto, a biodiversidade e aplicações desses organismos é mais ampla e uma boa forma de iniciar o trabalho de pesquisa e divulgação científica destes seres é através daqueles indivíduos que formam estruturas chamativas e curiosas, os macromicetos, popularmente conhecidos como “cogumelos”.

Os microrganismos nada mais são do que a estrutura reprodutiva do fungo, normalmente muito efêmeros (Guerrero & Homrich, 1983). A fase vegetativa geralmente tem forma de delicados filamentos que se ramificam e entrelaçam (micélio), vivendo por tempo indeterminado no substrato de onde retira o alimento (Guerrero & Homrich, 1983).

Reconhecer a riqueza de espécies de microrganismos é importante para a conservação destes organismos que são vitais para a saúde dos ecossistemas, o que vai de encontro com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 15 da Agenda 2030, que manifesta a preocupação em proteger os ecossistemas terrestres (ONU, 2015). Assim, o objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento dos fungos macroscópicos presentes na Área de Preservação Permanente (APP) da Trilha Vó Preta localizada no Campus UNIJUÍ, no município de Ijuí, Rio Grande do Sul.

METODOLOGIA

A Trilha Vó Preta está localizada na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) na cidade de Ijuí-RS, que é caracterizada por ser uma área de APP, com uma vegetação do tipo Floresta Estacional Semidecidual, clima Cfa (clima subtropical úmido) segundo a classificação de Köppen, com temperaturas médias anuais de 19.5°C e pluviosidade média anual é de 1966 mm (Climate-Data.org [s.d.]

As coletas foram realizadas com um intervalo médio de 15 dias durante o meses de agosto a outubro de 2022, totalizando quatro coletas, executadas ao longo da margem esquerda do Arroio Espinho no trecho conhecido como Trilha Vó Preta, sendo esta a única área amostrada, de forma a tentar cobrir todo o percurso da trilha. Os fungos macroscópicos encontrados foram retirados com o auxílio de pequenas pás de jardinagem e logo após levados em bandejas até o Laboratório de Botânica da UNIJUÍ, onde foi realizada a análise macroscópica tendo por base observações acerca da morfologia do basidioma, tais como coloração, tamanho, consistência, número de poros por milímetro e aspecto da superfície do píleo e himenóforo, utilizando como fundamentação o Guia para Identificação dos Fungos Macroscópicos comuns no Rio Grande do Sul (Guerrero & Homrich, 1999).

Após a compilação dos dados de espécies encontradas, foi realizada a estimativa de riqueza e as frequências relativas e absolutas de cada espécie com o auxílio da ferramenta Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria das espécies que formam basidiomas/ascomas dependem da presença de água líquida e temperaturas de 20 a 30 °C, o que torna a sua aparição dependente das condições ambientais (Santos, 2015). A temperatura média dos dias de coleta foi 21,5 °C, com uma variação de 4 °C, e a umidade relativa do ar média foi de 44%, o que pode ser considerado um clima bom para a coleta.

Ao longo das quatro coletas na Trilha Vó Preta, foram encontrados 11 táxons diferentes de fungos, seis deles identificados até o nível de espécie e cinco identificados somente até o nível de gênero.

Quadro 1. Espécies de macromicetos na Trilha Vó Preta, com as respectivas Famílias, Filos, Frequência Absoluta (FA) e Frequência Relativa (FR).

Espécie	Família	Filo	FA	FR (%)
<i>Auricularia polytricha</i>	Auriculariaceae	Basidiomycota	1	5,56
<i>Cyathus</i> sp.	Nidulariaceae	Basidiomycota	1	5,56
<i>Cymatoderma elegans</i>	Meruliaceae	Basidiomycota	1	5,56
<i>Filoboletus gracilis</i>	Mycenaceae	Basidiomycota	1	5,56
<i>Ganoderma lucidum</i>	Ganodermataceae	Basidiomycota	3	16,67
<i>Panus</i> sp.	Polyporaceae	Basidiomycota	1	5,56
<i>Pleurotus</i> sp.	Pleurotaceae	Basidiomycota	1	5,56
<i>Polyporus arcularius</i>	Polyporaceae	Basidiomycota	3	16,67
<i>Trametes villosa</i>	Polyporaceae	Basidiomycota	3	16,67
<i>Volvariella</i> sp.	Pluteaceae	Basidiomycota	1	5,56
<i>Xylaria</i> sp.	Xylariaceae	Ascomycota	2	11,11
Total			18	100,00

Fonte: As autoras (2023).

Destaca-se a predominância do Filo Basidiomycota e a grande variedade de famílias, com apenas a família Polyporaceae possuindo mais de um representante.

A partir da frequência relativa é possível inferir que as espécies *Ganoderma lucidum*, *Polyporus arcularius* e *Trametes vilosa* predominam, seguidas da *Xylaria* sp., que pôde ser encontrada em duas coletas diferentes.

Comparativamente, Tedy (2012) encontrou 27 espécies em um ano de coleta, e Serra (2017) ao longo de 18 meses coletou 18 espécies de macromicetos. Interessante notar a alta diversidade de espécies na Trilha Vó Preta, já que foram identificados 11 táxons, mesmo com a pequena quantidade de coletas e estas serem restritas a apenas uma estação do ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trilha Trilha Vó Preta, como APP, apresenta uma diversidade significativa de fungos com ênfase no filo Basidiomycota. O presente levantamento revelou uma grande variedade de famílias, sendo que a única a abranger mais de uma espécie foi a Polyporaceae. Observou-se ainda que as espécies *Ganoderma lucidum*, *Polyporus arcularius* e *Trametes vilosa* predominaram, seguidas da *Xylaria* sp..

Mesmo com apenas quatro coletas durante uma única estação, o levantamento revelou grande riqueza, sendo necessária a continuidade do levantamento nas demais estações do ano, que podem revelar uma riqueza de espécies ainda maior e desconhecida.

Palavras-chave: APP; Cogumelos; Levantamento de fungos; Macromicetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLIMATE-DATA.ORG. **Clima Ijuí (Brasil)**. [s.d.]. Disponível em: <https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/rio-grande-do-sul/ijui-43847/>. Acesso em: 22 maio.22

GUERRERO, R. T. & HOMRICH M. H. **Fungos macroscópicos comuns no Rio Grande do Sul**: Guia para identificação. 1999. Editora Universidade. 2ª ed. 117 p.

NAÇÕES Unidas no Brasil. **15 Vida Terrestre**: Proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, travar e reverter a degradação dos solos e travar a perda da biodiversidade. Brasil: ONUBR, 2015. Disponível em <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/15>>. Acesso em: 20 de ago. 23.

SANTOS, E. R. D. **Material Complementar ao livro Sistemática Vegetal I: Fungos.** Governo Federal. 47 p. Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://antigo.uab.ufsc.br/biologia//files/2020/08/Fungos.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2022.

SERRA, E. F. **Biodiversidade de macromicetos da região sul do Rio Grande do Sul.** Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Veterinária, Universidade Federal de Pelotas. 2017. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4633>. Acesso em: 24 maio. 2022.

TEDY, N. C. **Diversidade de fungos macroscópicos: Polyporales e Hymenochaetales (Basidiomycota) da Ilha do Campeche, Florianópolis – SC.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas)- Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/47611>. Acesso em: 25 maio. 2022.